

# A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e colaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.<sup>o</sup> Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

2.<sup>o</sup> ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia era dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 50

BRAGA

SABBADO 6 DE JANEIRO DE 1883

## UNIÃO LEGITIMISTA

Prosegue o trabalho de união do partido legitimista, com aquelle ardor e deligencia que é propria de um partido que se sente com forças para emprender a reconquista da sua influencia, em todo o esplendor do seu poder.

O partido legitimista comprehende que uma alta missão lhe está reservada, em meio das dissoluções de hoje.

Comprehende que é chegada a occasião de preparar o terreno, em que tem de operar as reconstruções importantes, que deve realisar, para que esta terra, que nasceu livre, não perca os foros, que lhe foram consolidados pelas glorias de sette seculos.

Todo o partido legitimista sente correr-lhe este dever de garantir as suas tradições com o procedimento uniforme da sua acção.

Um partido que tem um só pensamento, um só credo, um só dogma, não pôde achar-se dividido no movimento, que carece ter para o desenvolvimento das suas doutrinas, e para a proficuidade das suas aspirações.

Este sentimento, este *modus videndi* é geral, e é poderoso nas difíceis circumstancias em que se acha o paiz.

Onde houver dois homens que tenham firmes as convicções do nosso cathecismo e as decisões pelo nosso futuro, é forçoso, é urgente, que sem perda de tempo, se estabeleça entre elles e os pontos centrais da nossa acção, aquella harmonia intelligencia e ligação íntima e indissolúvel, de que carecemos para os nossos patrióticos fins.

Mal a mocidade legitimista de Braga instituiu o *Gremio Legitimista do Minho*, recebemos de todos os pontos do paiz provas irrefragaveis de apoio e applauso. Longas listas de adhesões vieram encher o livro de matrícula dos nossos soldados. Isto porém não é o bastante.

É necessario que em todas as localidades, ainda as mais insignificantes, o *Gremio Legitimista do Minho* tenha um gremio filial.

A utilidade d'este gremio é da primeira intuição.

O gremio Central pôde conhecer e providenciar em muitos assumptos do interesse das localidades; contudo ninguém mais apto para o trabalho assiduo, para a propagação de nossas forças, do que os que representam em cada povoação os nossos sentimentos, e vêem e estudam na opinião e no espirito de cada um dos nossos correligionarios as necessidades do partido.

É preciso não esmorecer. Se o partido

legitimista tem hoje como sua maior gloria haver guardado intactas em meio das devastações da epoca liberal a sua bandeira e as suas tradições; se em tão longo periodo de soffrimentos e desastres, a sua lealdade tem triumphado á sombra da probidade inconcussa dos veteranos da legitimidade, a mocidade que se move, e os velhos que a veem mover-se, necessitam continuar a obra honrosa em que o partido se tem esforçado em meio seculo de provações.

Não tratamos já da simples conservação das reliquias da nossa honra. Desemrolada a nossa bandeira, o nosso dever é mais positivo e mais exigente.

O partido legitimista carece vencer os adversarios de Deus, da patria e do Rei, e quer a lucta, por que quer o triumpho.

Em quanto o nosso Rei aprendia a amar este povo, a sentir com elle e a aspirar com elle, nós esperámos pacientes e resignados o momento propicio. Agora porém que o nosso Rei disse a primeira palavra d'ordem ao nosso partido, desde que apontou a todos o caminho honroso das aspirações salvadoras do paiz, cada um de nós conhece o seu dever, e está obrigado a cumpril-o sem hesitações nem preconceitos.

Os legitimistas de Ponte da Barca comprehenderam que o *Gremio Legitimista do Minho* veio marcar o caminho de nova vida de que carece esta provincia, tão zelosa e tão honrada dos nobre títulos que a distinguem pela sua firmeza aos seus principios do nosso patriotismo.

Ligados os legitimistas da importante Vila de Ponte da Barca com os do Concelho dos Arcos de Val de Vez, inauguram hoje com a maior pompa e sollemnidade o *Gremio legitimista de Ponte da Barca e Arcos* filial do *Gremio Legitimista do Minho*.

De todas as terras mais importantes dos districtos de Braga e Vianna, vão ali hoje grande numero de representantes saudar e festejar o nosso partido em mais este testimonho da sua lealdade, que é simultaneamente mais uma valiosa esperanza para a causa santa de Deus e da patria.

À benemerita comissão installadora cabem os moiores louvores e a maior gratidão do nosso partido, pelos esforços empregados para tão patriótico fim; esforços que poderam muito, para muito vencerem; o que significa não só a firmeza do nosso partido como a elevada preponderancia dos cavalheiros que formam a illustre comissão installadora.

A Villa da Barca tem motivo sobejo para se honrar com o passo que dá hoje.

Eis os nomes dos dignos membros da comissão legitimista da Villa da Barca, os quaes registramos cheios de orgulho, para que a memoria de tão relevante serviço fique permanente nas paginas mais gloriosas do nosso partido.

Manoel de Passos Correa Gonçalves  
Miguel d'Azvedo Vasques Almeida e Menezes.

José Pereira Pimenta de Souza e Castro.  
Manoel da Costa Barboza Pereira Malheiro.  
Antonio Pereira Calheiros Passos.  
O Reitor Feliz Bernardo Nicolau Carneiro.  
José Ignacio de Moraes.  
P.<sup>o</sup> Antonio Cezar d'Araujo Cerqueira.  
P.<sup>o</sup> Antonio Esteves.  
Francisco José da Costa Lobo.  
Manoel Esteves.  
Manoel José de Brito.  
P.<sup>o</sup> José Maria Cardoso.  
P.<sup>o</sup> Antonio José de Castro.  
P.<sup>o</sup> João Manoel d'Araujo.  
Alberto Augusto d'Oliveira e Souza.  
P.<sup>o</sup> Silvestre Gonçalves Barca.  
Antonio Pereira da Costa Lacerda e Mello.  
Manoel José de Carvalho.  
P.<sup>o</sup> Manoel José Fernandes.  
José de Queiroz de Lacerda e Mello.  
Aarão da Costa Pereira Malheiro Faria.  
P.<sup>o</sup> Antonio Joaquim Malheiro de Faria.

Toda a imprensa religiosa e legitimista da provincia se faz representar na inauguração d'este gremio.

No proximo numero daremos a minuciosa resenha do que se passar em Ponte da Barca n'esta importante solemmnidade.

## MEU QUERIDO SËNNA FREITAS

Quando o *Amigo do Povo* (de que casta de povo será amigo o tal jornal?) quando o *Amigo do Povo*, repito, lhe tornar a vir á balha com os pimpões do cacete, faça favor de lhe dizer que a invenção destes *trastes* pertence aos senhores liberaes. Eu tinha apenas 9 annos; mas lembra-me perfeitamente, andarem officiaes, sargentos e soldados de caçadores n.º 8, munidos de cacetes, pintados de azul e braco, em espiral, e alguns com a letra—*ranha e carta*—e em 1826, 1827 e até fevereiro de 1828, malharem com os seus cacetes sarapintados, no espinhaço dos pobres realistas.

Mas, pergunte ainda ao tal *Amigo*, quantos liberaes morreram de cacetadas, durante os seis annos do reinado do senhor D. Miguel 1.<sup>o</sup>, para se descontar este numero, no de DEZOITO MIL realistas, cobarde e ignobilmente assassinados, a punhal e baco marte, desde a convenção de Evora-Monte, até 1837, em todo o reino; e até 1863, na parte septentrional das duas Beiras, pelos facinorosos Brandões, Leaes de Longa, Marçães, Tarrinca, Cavallaria, Espadagão, e suas respectivas quadrilhas.

No antigo concelho de Fermêdo, não houve a minima pancada, o mais pequeno insulto a qualquer dos pouquissimos que alli havia, entre 1828 e 1834: pois, apesar disso, TRINTA E OITO legitimistas alli foram assassinados, desde os principios de 1834 até 1849! Um d'elles—Manoel Francisco, alfaiate, da aldeia de Vêr, freguezia de Es-

curiz, pelo horroroso crime de não querer fazer parte de uma quadrilha de ladrões, denominada *companhia nacional franca de Fermêdo*, composta dos mais infames larpios d'aqui e d'outros concelhos, foi prezo, a uns 10 kilometros de Cabeças, e com as mãos amarradas atraz das costas, ora de pé, ora arrastado, o trouxeram até áquella villa, e alli foi fusilado por uns quarenta d'aquelles canibae, que tantos foram precisos para prenderem o desgraçado, que, apesar de ser alfaiate, era um homem valente e corajoso: tanto que, quando chegaram ao sitio do monstruoso assassinato, o capitão da quadrilha (Antonio Francisco Pinheiro de Castro—o *Giesta*) dizendo-lhe—«Ajoelha-te» a victima respondeu—«Eu só me ajoelho a Deus e á Virgem Maria.»—Então os monstros lhe crivaram o corpo de ballas, que fizeram ajoelhar o desgraçado; que teve ainda força para dizer—«Ah, cães, que ainda me não matastes?»—«ainda não!» disse o tal capitão, e carregando a espingarda, chegou a bôcca do cano a um dos ouvidos do infeliz, e desparando-a, o matou!!!—

Isto foi por as 10 ou 11 horas da noite, e mettendo-se os malvados em uma taberna, alli se gabaram da sua façanha, aquem os quiz ouvir.

Isto foi em 23 de maio de 1834. No dia seguinte, hindo o abade da freguezia, com alguns seus freguezes, e a tumba, para interrarem o defunto, foram corridos pelo tal capitão (e mais era genro do abade!) e pela sua horda, que ameaçaram de morte quem tentasse dar a sepultura ao morto, que alli jazeu todo o dia 24, e só por horas mortas da noite é que alguns individuos mais corajosos, o foram buscar subrepticamente e o enterraram.

Não é preciso dizer, que, nem ao menos pró fórma, se procedeu a auto de exame e corpo de delicto.

*Justiça de Deus!*  
Pelas 10 ou 11 horas da noite de 23 para 24 de maio de 1849 (*quinze annos, dia por dia, hora por hora, depois d'aquelle horrivel assassinato, e a poucos metros do sitio onde elle havia sido perpetrado*) o tal capitão, hindo a entrar em casa de uma sua concubina, cae, varado por quatro ballas, tão bem apontadas, que o malvado nem pôde dar um ai. Os assassinos, foram dous soldados da sua propria quadrilha, por desavensas na divisão dos roubos. Um, até era seu primo.

No dia 24, esteve todo o dia estendido na estrada—como havia estado a sua victima—porque não appareciam cirurgiões nem gente do ministerio publico, para se proceder ao auto de exame e corpo de delicto. Só já de noite é que o juiz nomeou um subdelegado ad hoc, e se fez o auto, para se poder enterrar aquelle diabo.

Então, não se mostrou n'isto evidentemente o dedo da Divina Providencia?—E digam lá que já não ha milagres!

## FOLHETIM

### DISCRIPÇÃO GINIALOGICA DA FAMILIA

DOS

MENDES ANTAS DE FIGUEIREDO

DA

VILLA DO VIMIOZO E SEUS RAMOS

(Continuado do n.º 49)

### PRIMEIRO RAMO

N.º 4—Dom João Vasques d'Antas, que forma o primeiro ramo desta familia, de quem nos vamos occupar, cujo appellido d'Antas herdou de sua mae. El-rei D. Affonso 3.<sup>o</sup>, governando o reino no impedimento d'el-rei D. Sancho 2.<sup>o</sup>—o Capello—lhe fez

mercê do senhorio de Vimiozo, eo teve de mêro e mixto imperio, jurisdicção e vassalagem, assistindo o mesmo D. João Vasques d'Antas na dita Villa, aonde possuia muitas fazendas além do dito senhorio. Os antigos genealogicos não fallam do seu casamento, só sim que tivera o filho que abaixo se segue, sendo tudo isto pelos annos de 1242.

N.º 2—D. Estevão d'Antas, filho de D. João Vasques d'Antas, succedeu a seu pae em toda a casa e senhorio de Vimiozo, de que faz menção e declaração o Conde D. Pedro de Barcellos no seu Nobiliario. Tit. 34—§32, onde diz que tivera por filhos D. Gonçalo Esteves d'Antas; e D. Mendo Esteves d'Antas.

N.º 3—D. Gonçalo Esteves d'Antas, succedeu como filho primogenito a seu pae na casa e senhorio de Vimiozo. O Nobiliario do mencionado Conde diz que fora casado com D. Maria Martins, filha de Martins Annes—o Redondo—suppoe-se que deste ma-

trimonio não houvera successão, porque a casa e o senhorio de Vimiozo passou a seu irmão D. Mendo Esteves d'Antas, isto no reinado de D. João 1.<sup>o</sup>, e el-rei D. Fernando o casou com D. Ignez Rodrigues de Moraes, sua prima; familia muito illustre da provincia de Tras-os-montes; de que houveram os filhos seguintes, que mais logo se nomearão.

N.º 4—D. Mendo Esteves d'Antas, filho segundo de D. Estevão d'Antas, foi o que succedeu a seu irmão D. Gonçalo, por este fallecer sem successão, como fica notado no 3.<sup>o</sup> n.º. Foi casado, como já se disse, com D. Ignez Rodrigues de Moraes, sua prima, e tiveram—D. Affonso Mendes Antas; D. João Mendes Antas.

N.º 5—D. Affonso Mendes Antas, como primogenito, succeden na casa de seu pae, como tambem succeden no senhorio de Vimiozo; viveu ainda no tempo em que reinava D. João primeiro. Foi casado com D.

Aldonsa Gonçalves de Moraes, sua prima, filha de Lourenço Pires de Tavora, segundo deste nome e senhor de Mogadouro; de cujo matrimonio tiveram os seguintes filhos—D. Mendo Affonso Mendes Antas e D. Estevão Mendes Antas.

N.º 6.—D. Mendo Affonso Mendes Antas, succedeu a seu pae na casa e senhorio de Vimiozo. Foi casado com D. Margarida de Vazconcellos, de quem não houve successão; por cujo motivo passou a casa de seu pae e senhorio de Vimiozo a seu irmão D. Estevão Mendes Antas, isto no tempo em que reinava D. Affonso 3.<sup>o</sup>, fazendo este mercê do senhorio de Vimiozo a D. Francisco de Portugal, que era seu Aio, e el-rei D. Manoel lhe confirmou o titulo de Conde de Vimiozo.

O que bem se prova pela justificação feita no anno de 1596, junta ao Tombo original da casa.

(Continúa)

RELIGIÃO

O SR. NUNCIO

ANTE OS ATAQUES DA IMPRENSA LIBERAL

(Continuado do n.º 48)

IX

—Ao começarmos o artigo antecedente julgávamos nós poderia dar-se por finda a resposta ao 1.º artigo do *Popular*. A penna nos foi levando mais longe do que presumiramos, não podendo contel-a ante a mosquearia da calúnia, que do campo liberal está sendo arremessada á causa da Igreja.

Hoje o concluiremos, seguindo o mesmo methodo.

«Obrará assim o nuncio por comprazer com a maioria das idéias do clero nacional?» continua o *Popular*.

«Maioria das idéias» tem sua graça! Mas não seremos nós que faremos questão de grammatica, que para os litteratos de agencia é coisa de nenhum valor. As idéias expressadas discutiremos.

*Clero nacional!* Não cessamos de passar ante este descommunal disparate. Então queria formar de nós uma seita protestante? não nos dirá o que intende por clero nacional, unido a Roma? Não podemos tomar a sério esta bafurada liberal: tentem a coisa, e depois nós veremos.

O fugir-lhes a rasca da assadura, o não pôrem uma sobre outra mitra sempre foi uma...

X

11.º—Outro artigo de accusação assenta na consideração em que o Sr. Nuncio tem os Srs. Arcebispo de Goa, Bispo do Funchal e Angra.

E Porque levará isto a mal o pimpão do *Popular* e toda a imprensa liberal, em unioso côro? Porque estes Prelados tem «idéias jesuíticas.»

O que quer isto dizer? Ha de dizel-o o *Popular*, lá quando lhe parecer. Os nossos leitores tenham paciencia de esperar até lá, que nós informaremos do que vier.

Mas o que nós sabemos já pela leitura do jornalismo liberal, é que *jesuita* é todo o catholico; que o que tem «idéias jesuíticas» é aquelle que trabalha com maior ou menor desassombro pela causa da Igreja;

Aquelle que toma a defeza d'esta Mãe;

Aquelle que combate a tyrannia liberal, que deixa os revolucionarios ás soltas offendendo a santidade de nossas crenças, a honestidade publica, a honradez e sanctuario das familias christãs, ao passo que reprime as manifestações do espirito catholico, nos tolhe a liberdade, deixe impunes os insultadores dos Padres, e vota ás gemonias a causa da Igreja e do clero.

*Jesuítas* sam aquelles que vam á Missa, frequentam os Sacramentos, amam e respeitam a auctoridade da Igreja, estam unidos a Roma, abrem escholae de ensino catholico, fazem de suas cazas meza dos pobres; praticam n'uma palavra a vida christã.

Digam, pois, os *patriotas* o fundamento de sua censura aos procedimentos dos alludidos prelados; mas não em declamações, senão com provas. E vamos adeante.

XI

13.º—O Sr. Nuncio diz mal do Em.º Cardeal Bispo do Porto.

Mas o que é então que elle diz? se o sabe o *Popular*, porque o não diz? Porque esconde a bainha em que está o punhal? Haja ao menos franqueza: pôde ser-se injusto, mas ha obrigação de ser-se sempre leal.

14.º—O Sr. Nuncio «escreveu uma carta atrevida (ao Sr. Bispo de Coimbra) acerca do governo de sua diocese, carta que, diga-se de passagem, recebeu resposta condigna.»

Neste ponto, diz tambem a *trombeta castelhana* do *Conimbricense*:

«Com effeito, segundo as informações fidedignas que temos, o nuncio, monsenhor Masella, pretendem dar regras ao dignissimo bispo de Coimbra em assumptos de suas attribuições. S. ex.ª, porém, com a hombridade propria do seu nobre character soube responder ao nuncio de fórma que havia de tirar a vontade ao chefe do jesuitismo n'este paiz de tornar a ter equal atrevimento.» (Vid. *Conimbricense* n.º 3:680, 48 de novembro de 1882.)

A *Correspondencia da Figueira*, alludin-

do a este ponto assim se expressa, não podendo, de envolta com o ataque, esconder a pequenez de seu espirito, revelado no grosseiro e soez da phrase, que por dignidade propria devia ser delicada:

«Ao digno e respeitavel prelado conimbricense dirigiu carta masallenta, recebendo resposta digna d'um prelado portuguez, que presa a dignidade de que se acha revestido.

«Quería o sorrateiro italiano introduzir no seminario diocesano de Coimbra tres individuos, filiados na seita negra. O respeitavel prelado, que governa e dirige com fino tacto, com espirito evangelico aquelle estabelecimento, não se prestou á insidia, incorrendo por isso nas iras do representante do papa» (Vid. *Correspondencia da Figueira* n.º 383, 22 de novembro de 1882.)

Os demais jornaes liberaes, que se occupam da questão, afinam pelo mesmo dispação.

Trata-se, como veem os leitores, de um negocio de summa gravidade: discuta-se, melhor, fazem-se allusões a um negocio confidencial, passado entre o Sr. Nuncio e o Sr. Bispo de Coimbra; faz-se carga, por causa de uma carta, ao Sr. Nuncio, pois contém *invasões*; a carta dá occasião para censuras ao Sr. Nuncio, e elogios ao Sr. Bispo Conde. A carta deve existir, pois nol-a assegura o *Conimbricense*, baseado em «informações fidedignas».

Sobre este ponto sabemos o que os trez orgãos liberaes affirmam, e os outros repetem em côro: pelo que se vê, é conhecida já em Coimbra, na Figueira e em Lisboa.

Nós queremos luz sobre este assumpto, que é importante; venha a carta; *queremol-a vêr publicada*, que seja conhecido de todo o paiz esse encanto para que a verdade appareça em tudo.

Pela nossa parte, nós que combatemos com a energia e franqueza de que somos capazes, emprazamos o *Conimbricense* e o *Popular* a que nos publiquem as cartas; se o não fizerem, teremos todo o direito a consideral-os *calumniadores*.

Quem assim fala dá testemunho de que entrará no assumpto, por mais escabroso e difficil que seja.

Em conclusão, appareça a carta, se ella existe.

E nada diremos sobre o conceito que formamos dos *elogios liberaes* a alguns Prelados nossos por aquelles mesmos que insultam a primeira auctoridade da Igreja de Deus e do mundo.

Para nós, temos até que esses elogios sam uma injuria, ou muito nos enganamos.

XII

15.º—O Sr. Nuncio commetteu «*atrevidas invasões no patriarchado*».

Mas quaes sam ellas? pois nem estando ahí em Lisboa, conhecendo-as, se atreve a enumeral-as, apontal-as?

E' notavel, verdadeiramente notavel! Ainda não foi capaz de apresentar, até aqui, uma só accusação, acompanhada da competente prova: tudo sam «*invasões*», tudo sam «*abusos*» tudo sam «*conspirações*», tudo sam «*focos de reacção*», tudo sam «*jesuitismos*» Tirem-lhes estes logares communs, já estafados, e verão o que fica; *insidias, calumnias, offensas, insultos*. E isto ao 1.º representante do corpo diplomatico, que se o fóra da primeira republica, o *Diario Popular* teria de lambear a lama onde esse representante pozesse os pés, como ha pouco aconteceu com um simples empregado da legação americana, segundo nos affirmam, em que o governo passou por humilhação tal que um tenente foi pedir logo sua baixa, para não deshonrar a farda!!

Onde estavam, então os *patriotas*?! onde os zelosos defensores das *liberdades patrias*?

16.º—Aborrece os «*illustres sacerdotes liberaes*».

Quem sam esses *sacerdotes illustres liberaes*? Porque os não nomeiam? O que elles sam já nós o sabemos, pela definição que d'elles deram as *Instituições*; mas o que nós exigimos sam os nomes d'esses «*sacerdotes liberaes*», que ambicionam e cubiçam as mitras. Venham elles, visto que a questão é de pessoas.

Venham, que queremos admirar-lhes o zelo pela salvação das almas, a compostura de seus costumes, a gravidade de seu porte, a frequência e assiduidade dos sacra mentos, o amor á batina, os apostolicos trabalhos, emfim, d'esses ministros do altar.

Que venham. Ha já mais de 8 dias que se pedem, e ainda até hoje se não atreviram a os apresentar. Porque será tamanha reserva, em quem se apresenta tão ou-sado?

Sabendo os leitores que entre os novos

propostos pelo governo para Bispos o sr. dr. Ayres de Gouveia, sendo *mação e hereje*, é um *santo*. imaginem já o resto.

Hoje por aqui.

(Continúa)

O BEM E O MAL

(Continuado do n.º 46)

Uma mãe que vê morrer seu filho na flôr da vida e com elle desvanecer-se todas as suas esperanças e inutilisar-se todas as dôres, todas as fadigas, todas as privações que por causa d'elle padeceu não soffre um destino cruelmente inutil?

Foi pouco mais ou menos assim que conclui o precedente artigo, e então declarei que era forçoso que existisse uma vida futura, para poder haver uma reparação. No entanto, mesmo neste mundo, esta pungente prova, para quem lhe penetre o sentido, encerra um beneficio; porque a alma, tão rudemente dilacerada, aperfeiçoa-se e sanctifica-se. Comprehende melhor que a vida actual é não em vista da felicidade, mas do dever. Depois a ternura maternal tão violentamente comprimida, expande-se com effusão sobre os pobres, sobre os orphãos, por amor do sér querido que vou para o ceu. As vezes tambem o coração se volta para Aquelle que é o unico que possui balsamo para taes feridas; mas, mesmo que assim não seja, as almas que passão pelo fogo d'esta dôr, saem d'elle engrandecidas, oureladas com alguma coisa de grande que só o infortunio sabe dar.

Quasi sempre, porém, os soffrimentos da affeição são merecido, porque somos nós que os occasionamos. Então o homem é o unico responsavel, e, como diz Platão «Deus está fóra da causa.» Uma mãe com uma educação falsa, isto é, frivola toda presumida, ignorante dos seus deveres, corre aos theatros e aos bailes e deixa em casa seu filho aos cuidados de uma creada. Esta, a exemplo de sua ama, vae ao encontro do prazer e abandona o seu posto. Qualquer desastre ou mal subito colhe a creança abandonada, que succumbe sem soccorro. Deve-se accusar Deus?

Um pae desmazelado e disoluto patenteia a seus filhos uma vida desregrada. Os filhos, não vendo nem ouvindo a mais ninguém, seguem-lhe o exemplo e perdem-se. O pae pôde accusar Deus?

Um povo, forte e valente pela sua fé e pela pureza dos seus costumes, esquece-se da religião de seus paes, entrega-se ao luxo, ás seducções de uma civilização putrida e enerva-se. Chega um momento em que é preciso defender o solo, salvar a nação, e independencia, grandeza, gloria, escapão-lhe como fumo. Este povo accusará Deus?

Os homens seriam mais justos se se culpassem a si mesmos. O que é para admirar é que estes e outros desastres não fulminem mais frequentemente as familias e as nações. Note-se, pelo contrario, quantos recursos têm á mão os imprudentes e os culpados para reparar o passado e preparar um novo futuro. Se a natureza humana é consagrada á dôr, dispõe tambem de forças admiraveis que lhe permitem não succumbir ou pelo menos sair do combate da vida prodigiosamente aperfeiçoada.

Com effeito, a dôr moral que tem origem n'uma affeição fingida ou violentamente rompida, raro esmaga aquelle que ella opprime. O tempo embota pouco a pouco a ponta aguda do dardo e as lagrimas refresçam o doloroso da ferida. Não esquecemos, e contudo insensivelmente nos tranquillizamos e consolamos.

E, se reflectirmos e formos piedosos, colheremos nas lições da dôr—mestra inexoravel, mas proficua, precitos com que poderemos emendar a vida, corrigir as nossas faltas, engrandecer os nossos dotes naturaes e desenvolver as nossas facultades.

As potencias da alma estão entre si tão estreitamente associadas e fundidas, são, não obstante a sua diversidade, uma só e mesma alma que, estudando os bens e os males da intelligencia e do amor, tratemos, sem o querer, dos males dos bens da vontade. Poderemos portanto ser mais succintos nesta parte.

O homem é livre e finito. A sua liberdade é um poder de obrar o bem tanto como um poder de obrar o mal. O dom d'esta liberdade imperfeita e fallivel não é semelhante ao que um pae fizesse a um filho, entregando-lhe uma arma mortal para os outros e para seu proprio filho?

Servirmo-nos á vontade do nosso corpo, dos nossos membros, dos nossos orgãos

de percepção, seguirmos ou não seguirmos os impulsos das nossas inclinações, obedecermos á razão ou resistir-lhe, obrar livremente, numa palavra, é um caracter que faz do homem o ser mais elevado e mais nobre da criação. Que este poder é bom em si mesmo e que elle se pôde tornar n'um manancial de beneficios, segundo o uso que d'elle fizermos, é innegavel. Primeiro que tudo, a livre acção physica, o movimento, o exercicio corporal são prazeres.

A criança procura os brinquedos espontaneamente, com alegria, e por meio d'elles os seus orgãos delicados tomão elasticidade e fortificação-se. Com o exercicio crescem facilmente, e têm saude, o principal bem do corpo. E' por isto que a gymnastica se está introduzindo nos estabelecimentos de educação, ainda que a verdadeira gymnastica é deixar pular, correr e satar as creanças ao ar livre. O homem feito encontra no exercicio corporal o mesmo prazer e não menor vantagens. A sua actividade physica, habilmente dirigida pela intelligencia, além de o persegurar do aborrecimento e o desviar do vicio, obtem-lhe uma vida honrosa e algumas vezes até a riqueza. Debaxo d'este aspecto, a actividade livre foi creada em harmonia com o bem do homem e com o seu progresso material.

A livre acção moral e intellectual produz fructos ainda mais preciosos. Já fallemos da ultima; quanto á acção moral, no seu mais alto grau, ella é a virtude. Uma só boa acção, uma só victoria alcançada sobre o nosso egoismo, é já uma alegria que encanta o coração. Todavia uma acção boa isolada não constitue de modo algum a virtude, do mesmo modo que uma só andorinha ou dia bom não faz a primavera, segundo a bella imagem de Aristoteles. Mas depende de nós que o fazer bem se transforme em habito, e o habito gera a virtude que é a disposição constante para fazer bem.

Para estabelecer esta disposição virtuosa é necessario a principio esforço; mas desde que ella se arraiga profundamente na alma, as acções nobres, honestas, generosas resaltão naturalmente. Ellas dão ao homem uma felecidade real que nada pôde roubar-lhe: eis o bem da liberdade. Ellas gerão virtudes novas, progressos novos: eis o melhor da liberdade. É incontestavel portanto que a liberdade se harmonisa com o bem e este, por sua parte, poduz sempre um estado melhor.

O homem está profundamente convencido de que a sua liberdade é um bem e que este bem é progressivo. A prova está em que elle considera como uma desgraça tudo o que prejudica ou entrava esta facultade do seu ser moral. O captineiro, a escravidão, a perseguição, a oppressão pelo despotismo e pela tyrannia, se são calamidades, é porque atacão o homem na sua liberdade.

No entanto a liberdade traz em seu seio males que lhe são proprios e que seria pueril não reconhecer. O homem soffre por não poder fazer todo o bem que concebe; soffre por que pode fazer mal, querendo fazer bem; e finalmente soffre quando faz voluntaria e conscientemente o mal. Explanaremos isto no artigo seguinte.

A. Semblano.

ESTRANGEIRO

Continuam os preparativos de guerra, tanto por parte da Russia como da Alemanha.

Uma correspondencia Berliñense publicada pela *Gaceta da Colonia* chama á attenção para o numero de caminhos de ferro, que se estabelecem na fronteira occidental da Russia.

Nenhum interesse commercial, diz o correspondente, justifica essés trabalhos, não emprehendidos unicamente com vistas de relações pacificas dos dois imperios. E accrescenta não ser difficil reconhecer n'estas construcções um fim militar, attendendo-se a que se trata de reformar a cavallaria, de fazer importantes trabalhos de fortificações ao Oeste da Russia.

Este correspondente não só innumera oito linhas de caminhos de ferro; mas adeanta a idéa de construirem-se outras grandes linhas estrangeiras com o fim de dar toda a rapidez aos movimentos de tropas da guaruição da fronteira occidental.

O mesmo jornal accrescenta.

«Estes trabalhos podem servir tanto para o ataque como para a defesa.»

**CORRESPONDENCIAS**

Carta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Ribeiro Saraiva, com respeito ás erratas que houve na sua carta publicada no N.º 48 — de 23 de dezembro ultimo.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Londres 29—12—1882,

(batem no relógio as 2 da manhã)

Men estimadissimo e bom Amigo,—Acabo de ler neste momento a *Cruz e a Espada* n.º 48, de 23 d'este Dezembro, que, com o anno, vai dizer-nos adeos depois d'amanhã. Recebo os jornaes e cartas, quando chegam á noite, por volta das 6 horas; mas, tendo trabalhado hontem até ás 5 da madrugada (indo então eu proprio levar uma carta minha ao correio), só então, quando voltei, me fui á cama, até ás 8 e meia da manhã—hora a que vou, de ordinario, á missa á legitimista Capella Franceza—onde iam assistir aos Officios Divinos os nobres Emigrados Francezes, no tempo da grande Revolução, juntamente com as Pessoas da Real Familia Bourbonica.

Trabalhando depois o dia inteiro (menos á hora de meu parco jantar), e despachando as minhas cartas para o correio da tarde ou noite; fui deitar-me e descansar até perto da meia-noite—afim de poder trabalhar depois. Só então abri as cartas e papeis, e dei, na *Cruz e a Espada* com a minha carta a V.Ex.<sup>a</sup>, que não tencionei fosse assim para o publico; mas nenhuma objecção tenho a que o fosse, pois não tenho segredos em minhas opiniões. nem escrevo se não o que sei e, ou sinceramente creio, verdadeiro e justo.

Porem, já que aquella apressada missiva veio a publico, desejo, ao menos, que o meu texto appareça correcto; e porisso rogo á *Cruz e a Espada* de indicar as tres correções seguintes que convem fazer, para beneficio do sentido.

A primeira, onde se lê relativamente ao amigo *Martins do Conimbricense*:—«Pelas verdades que lhe digo, e estava á espera», deve ler-se:—«pelas verdades que lhe digo e atira á espora.» (isto é, como cavallo que se sente desagradavelmente picado; mas cujos couces sam baldados.

Outro erro de menor monta, mas que, todavia, precisa emenda, é mais abaixo, na mesma columna do jornal; onde se diz:—«para junto do fogo da chaminé (muito perto do que estava escrevendo.» Deve emendar-se: «para junto do fogo da chaminé (muito perto do qual estava escrevendo, 4.º)»

A outra errata importante é na segunda columna, onde está:—«e fala assim quem lhe não creara a El-Rei, senão desfeitas e injustiças, do que seria o sentido de semelhante dizer. O que eu escrevi foi:—«quem lhe não, *devera* a El-Rei, senão desfeitas e injustiças.» É isto o que eu escrevi, e que é, infelizmente pura verdade, que posso provar com abundancia de factos. Ponho, porem a culpa á negligencia de D. João VI na educação e instrução dos *Filhos*; não ao caracter verdadeiro d'El-Rei, que era realmente o mais nobre e o mais justo.

A. R. Saraiva.

**Villa Verde 3 de Janeiro de 1883**

(Do nosso correspondente)

Duas semanas decorridas, e o anno de 82 emmassado na estante dos tempos, sem eu vos dar as minhas amaveis despedidas, e as boas vindas do corrente, meu apreciavel *Sultão*, meu idolatrado *Laranjo*, carissimos *Rabichas*, e meus nunca esquecidos *Salafrarios*! Sanarei esta falta,—até certo ponto voluntaria,—dando-vos um apertado chi-coração, com o meu melhor humor, e fazendo-vos a mais solemnisima promessa de que jamais vos privarei d'esta sobrezeza dos vossos domingos, d'este escope da vossa gargalhada, d'este especifico poderoso contra as vossas melancolias.—Porque é de saber que os meus pandegos deram em gostar das minhas *pillulas*, como as creanças apreciam um bebo, ou saboreiam uns rebuçados de concha!—E' de pasmar, mas é verdade; e seria uma gran-

de ingratidão que lhes creasse paladar para estas coisas boas, e depois escondesse na prodiga mão a cornucopia das minhas *gracas*.

A ingratidão, como é a mais feia das acções do homem, vou lançal-a longe, e vós sereis o objecto mais querido das minhas lólgas, e, por assim dizer, os trambólios, do meu espirito. Hei de trazer-vos sempre comigo, a toda a hora, em toda a parte, em todas as minhas locubrações, em todas as minhas alegrias e tristezas, como os berloques da cadeia do relógio, como o lenço d'assar, e como os *bregeiros* na agarreira. Terei com isto alguns incommodos, e muita fadiga, especialmente, n'esta identificação das nossas existencias; mas, então? ...quem corre por gosto não cança, e está tudo dito.

Vós, contudo, poderieis permittir-me menos trabalho nesta gostosa consolidação dos nossos séres; e apenas cada um teria para isso um pequeno incommodo. Por exemplo:—o estimado *Sultão* devia, ás horas de trabalho na repartição, entrar n'ella, assentar-se, e d'ali dirigir os seus subordinados; e não, como faz, e como sempre fez, andar errante pelos *harenas*, tendo mais interesse n'uma pulsção da febre pneumonica da Sultana Maria Antonia, que em toda a organização do cadaver ambulante do partido que elle symbolisa.

Quando o mesmo *aquelle* larga-se os legendarios sapatos, e o vi ha tempos de sócos novos, suppoz que melhores auras bafejariam os destinos d'este desgraçado povo, logo que attribui aos *amieiros* a virtude da gravidade tam necessaria ao *sobredito*.—Mal, qual!—Nunca tam *judéo* tam *errante* e tam *sultão* como agora, e tambem nunca tam *doido*!

Até os antigos conhecimentos o vão pondo no olho da rua com o *verbo do Souiro* no imperativo!

Desgraçado amigo!—aquella praga foi a tua infelicidade, aquella praga de uma infeliz:—que fosses sempre o ludíbrio das mulheres!

Agora até desseste á condição da rapoza:—com a fome anda ás *grillas* pelo monte de cima! Deus te valha, sendeiro!

O estremecido *Laranjo* tambem se viesse para o casarão da Excelsa antes do meio dia, poupava-me o encommodo de andar por *Soutello* a averiguar onde passa as melhores e mais uteis horas de trabalho; e podia a gente ignorar que elle se gasta em fazer politica d'arranjos a regedores refractarios, e em collocar fora do alcance tributario alguns dos quarenta maiores... estupidos do concelho, que elle pôde accommodar como delegados parochiaes, contra toda a norma do bem commum, da dignidade e do bom senso.

Depois, como a cabeça d'aquelle amigo *Laranjo* é como um mascoto de sóbro, refractaria a todo o pensamento sério,—e como todas as cabeças dos mais idiotas que o dirigem, e dos que são por elle dirigidos, pecam pela mesma homogeneidade,—e succede que na tela das medidas tributarias salta de vez em quando cada uma de pôr medo.

Ha tempos lembraram-se os financeiros d'uma liga de contribuir desalmadamente o barro obrado em panellas, caçarollas, pucaros, telha etc. etc.—esquecidos do que Zé povo sabe o caminho de Villa Verde, como o tem mostrado em diferentes epochas.

D'ahi o verem os da Excelsa, no dia 30 do p. p, uma leva d'homens superior a 300, evadir-lhe o salão das sessões. apresentando-lhes—em primeira vista—uma representação dos povos das freguezias de Prado, Cervães, Cabanellas, Oleiros e outras para que fosse retirado aquelle tributo, sob pena de virem sem papel sellado, mas com outros argumentos de mais peso.

Os da Excelsa, desfazendo-se em *aquellas* perante a *bicha*, accommodaram-na o melhor que poderam, riscando do mappa das suas grandezas aquella succursal para os desperdicios dos arranjos, e levando para suas casas as formas das suas graciosas *rabichas*, sem que n'ellas troasse desta vez algum *cerquinho* sem *tóna*.

Será prudente, com tudo, não abuzarem da paciencia do povo, que um dia pergunta-lhes elle em qual das telhas deve recalir o imposto: se não telha obrada com o barro da terra, e com o suor do rosto, se na *telha* de s. s.<sup>as</sup> *Rabichas*, e de s. s.<sup>as</sup> *Sultão* e *Laranjo*. . . Nesse dia, caros *telhadors*, trazei na cabeça as vossas *barrétas*, deixai a *rabicha* em caza, sópa ás burrinhas, antes de sairdes, para que tenham azas que vos livrem do martyrio, e, como medida preventiva, uma cortiça a forrar as lombadas.

Tenho muito sob as vistas a carta d'um merito acerado critico, e intelligente anonymo dirigida á redacção com o pseudonymo—*Pigueu*—, para que se dignasse dar-lhe destino ao meu poder.

Comgratulo-me com as suas ideias, e especialmente com a sua censura bem fundada sobre os actos d'estolidia prepotencia do *filosofo Sultão*, e darei á mesma o bem merecido cabimento nos meus escriptos, em forma que não deslustre o primor que a caracteriza.

Serão bem accites todas as indicações que, pela mesma via, se me poderem dirigir.

No dia 1.º do corrente assisti, casualmente, na freguezia de Navarra, desse concelho de Braga, á instalação da confraria do SS., e ao entusiasmo febril com que o povo solemnisava o primeiro passo dado em prol da sua liberdade.

Escravidado como elle se dizia, ao dominio da intrusa freguezia de Crespos, era soberba a manifestação do seu regosijo, e o amor descripto na fisionomia de todos para com o benemerito patriota da localidade—sur. Lourenço José Cordeiro d'Oliveira—, que foi o mais fervoroso apostolo da sua emancipação. Ao disvelo d'este cavalheiro se deve o descobrir-se, uma pia baptismal que a tradição, e documentos authenticos, apresentam com grande valor archeologico, anterior ao seculo 6.º da era christã, que servira outr'ora n'uma antiga matriz da freguezia, e que hoje está collocada a *fazer parede* n'uma bouça de matto no lugar da Ermida!!

Povo de Navarra!—uma saudade por aquellas horas passadas entre as vossas alegrias; e uma prece, para que sejam coroados do melhor exito os vossos desejos religiosos.

Y.

**AOS NOSSOS ASSIGNANTES DAS PROVINCIAS**

Está a findar um anno que o nosso jornal viu a luz da publicidade, e, como desejamos regularizar a escripturação do mesmo jornal, pedimos aos senhores assignantes que estão em divida, a fineza de mandarem satisfazer suas assignaturas até ao dia 29 do corrente mez de janeiro, pois, resolvemos suspender a remessa da *Cruz e a Espada* a todos aquelles que não mandarem satisfazer.

O nosso jornal vive sómente do favor de seus bons assignantes.

**NOTICIARIO**

**O Padre Senna Freitas.**—Dizem da Covilhã á *Ordem*:

«Covilhã, 27, ás 9 e 40 da m. Chegou hontem á noite o inclyto orador e distinctissimo escriptor Padre Senna Freitas, realisando assim a promessa ha mezes feita, de uma visita á Covilhã.

Ao passar no Teixofo foi cumprimentado pelo clero, por uma phylarmonica e por mais de 1:000 pessoas da povoação, estalando muitos foguetes. Esperavam-no já ali uma commissão enviada pela *Associação Protectora dos Operarios*, e muitos covilhanenses, que o acompanharam em carruagens até aqui, onde milhares de pessoas, com duas phylarmonicas, o aguardavam com um entusiasmo verdadeiramente delirante, subindo ao ar muitos foguetes.

Escreverei dando circumstanciada noticia.

**A Restauração.**—Começon com o anno a publicação de mais um athleta da imprensa legitimista.

Saudamos o nosso collega da *Restauração*, que acaba de nos chegar ás mãos.

Felicitamol-o sinceramente pela galhardia com que veste as suas armaduras.

A *Restauração* é uma das folhas mais interessantes que actualmente veém a luz publi-

ca. A variedade do seu noticiario, a par da valentia e primor dos seus artigos doutrinarios e de polemica, conquista-lhe um lugar distincto no jornalismo politico.

Em boa hora por Deus Patria e Rei!  
**Eufemo illustre.**—Tem estado bastante doente o nosso amigo e distincto correligionario o sr. D. Jorge Eugenio de Locio.

Felizmente á data das ultimas noticias s. ex.<sup>a</sup> achava-se um pouco melhor.

Desejamos sinceramente o seu mais prompto restabelecimento.

**ARCEBISPO DE GOA**

Bravo, antes assim! «E' muito grave, se se verificar a noticia que debaixo de toda a reserva vamos dar aos nossos leitores. Conta-nos que o exm.<sup>o</sup> arcebispo de Goa telegraphára ao governo, fazendo-lhe constar que retirára para Madrastra com todo o seu collegio, debaixo da protecção da bandeira ingleza.»

(A Restauração)

**Parlamento.**—Abriu como é de costume e de lei, no dia 2 do corrente a cãsa parlamentar.

O discurso da corõa está atrahindo a attenção publica pela singularidade das importantes cousas que amontõa como programma politico do governo.

Não ha empresa de theatro, capaz de fazer um cartaz mais seductor.

Falla de tudo e de muito mais.

A reforma da *Carta* é porém o ponto principal que mais fere a attenção.

Se tivermos vagar n'outra occasião falaremos sobre este ponto, que não deixa de offerecer interesse até para os nossos leitores.

No resto o que o discurso da corõa prova é que o governo busca um pretexto para realizar o emprestimo immediato dos trinta mil contos, e sobre este outro de outros trinta mil por enquanto!

E' fartar enquanto se não extingue a paciencia publica.

**Presidencia.**—Coube ao sr. Andrade Córvo a escolha para a presidencia da Camara dos dignos Pares.

A camara deu um voto de llouvor, por proposta do sr. Marquez de Vallada, ao seu ex-presidente o sr. Martens Ferrão.

**Fallecimento.**—E' com verdadeira magua que damos hoje noticia do fallecimento de mais um legitimista, que nos era tão querido pelas suas qualidades politicas, como pelas suas grandes virtudes de homem e de sacerdote.

No dia 26 do mez findo, ás 9 horas da manhã, na sua quinta do Outeiro, na freguezia de Nespreira, Beira Alta, entregou a alma ao Criador o exemplarissimo ecclesiastico o sr. Fr. José de Amaral Semblano, representante de uma venerada familia, e tio do nosso correligionario e presadissimo companheiro de redacção o exm.<sup>o</sup> sr. Augusto Semblano.

O fallecido era d'aquelles homens que passam sobre a terra para deixar um nobre exemplo, e captar a veneração e a estima de todos.

Fr. José de Amaral era d'esses entes privilegiados, a quem o respeito pela virtude atrahê o espirito dos outros homens, e vence todas as paixões de partido.

*Requiescat in pace.*

Enviando ao nosso querido collega a expressão sincera do nosso pesame, pedimos aos nossos leitores uma oração a Deus pela alma do chorado finado.

**O povo a mecher-se em Villa Verde.**

—Algumas freguezias desta possa visinha, representadas por mais de 300 individuos, foram no dia 30 do p.p. depõr nas mãos dos da Excelsa, um brado energico contra a injustiça com que se pretendia tributar a telha, e outros artigos de barro,—fundando-se no argumento de que—estando já muito collectados estes industriaes, o não podia tambem ser as obras d'ali impanadas; tanto mais que cada fornada de telha o ia agora ser com mais de 12:000 réis!

Apezar de commedida e mansa a onda, fez trãsbordar da repartição o escriptivo e todos os empregados, que ninguém mais vio n'aquelle dia; e apenas alguns vereadores

fôram apanhados em flagrante ignorancia do caso, e lá se avieram como poderam. Cautela com a bicha, amigos, que ella tem razão de sobra para vos pôr as rabichas em isca!

Chamamos os nossos leitores para a correspondencia de Villa-Verde.]

**Ao Amigo do Povo.**—Recebemos já tarde o original do artigo de polemica com o nosso collega do *Amigo do Povo*. Irá no numero seguinte.

**O senhor Arcebispo Primaz.**—Não é verdade que a Santa Sé, aceitasse a renuncia ao Exm.<sup>o</sup> Rd.<sup>o</sup> Sr. D. João Christotomo d'Amorim Pessoa, nem que fosse aceite para o substituir o Exm.<sup>o</sup> e R.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo de Mytelena D. Antonio de Freitas Honorato.

E' esta a verdade.

**A Correspondencia do Norte.**—Este nosso bom collega, fez-nos a honra de transcrever em suas columnas a noticia da constituição do Gremio das Senhoras Legitimistas, publicando os seus nomes e fazendo depois as considerações seguintes:

«Conhecemos mais de perto a digna vice-presidente a exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Angelica Marcelina Salgado Carneiro, e sabemos que é uma virtuosa senhora, altamente religiosa e catholica, e que pelas illustres tradições da sua familia abraçou sempre com intima crença e convicção os principios legitimistas.

Composto de damas illustres, bastaria só a firme vontade d'aquella dama, para que o centro legitimista bracarense agora constituído, podesse florescer e prosperar e realisar o fim a que se propõe, que é ao que nos parece o exercicio da caridade e o esplendor da religião.»

Agradecemos ao collega a sua honrosa fineza.

**O Arcebispo de Gôa.**—Este venerando e respeitavel prelado, um dos mais notaveis por suas excellentes qualidades e virtudes que tem impunhado o baculo da mitra primaz do Oriente, acaba de lhe ser intimado um accordão da relação d'aquella nossa possessão ultramarina, que manda retirar a *sensura* e o *anathema*, imposto por s.<sup>ex.</sup> Rd.<sup>mo</sup> ao jornal a Cruz e ao seu ex-redactor o Padre Atvares. Que escandalo santo Deus! Que miseria! Que degradação para o legislador que se lembrou de *misturar* no Cod. do Proc. Civil, e introduzir na epigraphie —*recursos a corôa*, os prelados e toda e qualquer gerarchia do nosso episcopado!

Isto não pode ser; porque importa o mesmo que recorrer-se de um *conselho de guerra* para o tribunal de qualquer relação ecclesiastica, e esta ordenar a revogação da sentença ali proferida.

Que escandalo, repetimos, meu Deus! Que podridão de lei e de legislador! É um abysmo!

A nação que assim caminha não tem direito á sua existencia; porque se esphacela no lamaçal da infamia e do ridiculo.

**Gambetta.**—A França deplora hoje a morte de um dos seus homens mais iminentes. Mr. Gambetta já não existe.

Dotado de um espirito alevantado e de raros dotes de sympathia e de popularidade, Mr. Gambetta foi para os partidos avançados mais que um defensor, foi um pharol. foi uma luz que a morte apagou.

A republica deveu-lhe relevantes serviços. A França deveu-lhe grandes desfalecimentos.

A morte de Gambetta é deplorada por todas as politicas. Adversarios como Gambetta, honram sempre o paiz em que nascem, e são gloria para os que o combatem.

A morte de Gambetta é todavia uma garantia de paz para a Europa. Com a mesma pá com que o covreiro lançou a ultima terra sobre o cadaver de Gambetta, começou a abrir a sepultura da republica.

A republica sem Gambetta é uma orphã desvalida. Victor Hugo é um ideal formoso, Gambetta era o braço, a alma da evolução revolucionaria.

**La maré monte.**—Ao nosso collega de *L'Univers* dizem de Roma o seguinte: *Roma 29 de Dezembro.*

«Hontem á noite, debaixo das janellas do embaixador d'Austria, fez-se uma demonstração numerosa contra esta potencia.

noites que levaram á scena o sacro drama do Nascimento do Messias.

E' de esperar grande enchente.

**Chapéos á Miguel II.**—Na chapellaria academica rua de S. Marcos 32—vendem-se d'estes elegantes chapéos, que hontem appareceram na *vitrine*. A concorrência de compradores é tal, que a fabrica não tem mãos a medir.

**Album escolar.**—Recebemos o 2.<sup>o</sup> numero d'este interessante jornal, da mocidade estudiosa do nosso lyceu.

Os nossos parabens.

**O doutor João de Mendonça.**—Este nosso amigo e antigo correligionario abriu na rua do Carvalhal, d'esta cidade, o seu escriptorio d'avocacia.

O talento de s. ex.<sup>a</sup> e os seus dotes oratorios, são assás conhecidos no mundo litterario, e porisso desnecessario é recommendar ao publico os seus merecimentos como advogado, embora tenha que lutar com o embranchado labyrinthe das questões forenses, em que as nossas leis, longe de esclarecer e guiar o espirito muitas vezes em embrião dos novos *foristas*, deixa-lhes um bacuo nas obscuridades, confusões, e até absurdos, levados á cathogoria de leis, que, por mais que queiram fogir ao escolho, teem necessariamente de se precipitarem no labysmo creado pelos nossos legisladores de fresca nata, rivaes do notavel Almontace de Pitões, muito conhecido nos annaes do fóro, de Mont'Alegre.

Mas, podemos affoutamente asseverar que o espirito intelligente e esclarecido do nosso novo advogado—dr. João de Mendonça, ha-de saber vencer todas as difficuldades e defeitos das nossas leis. Tambem podemos affiançar que não abre conta corrente com os seus clientes. E' uma alma nobre e um coração bem formado.

E' esta a verdade.

**Relatorios.**—Recebemos o relatorio da Conferencia de S. Vicente de Paulo d'esta Cidade, de que é digno presidente o exm.<sup>o</sup> sr. dr. Antonio Maria Pinheiro Torres.

Pedimos a todos os bons catholicos d'esta Cidade que acudam com os seus donativos a favor d'aquella caritativa instituição digna de ser soccorrida por todos.

Tambem recebemos o relatorio do Asylo de S. José de S. Lazaro.

Agradecemos.

**A imprensa religiosa e aos catholicos portuguezes, residentes em Portugal e no Brazil.**

A capella da Ordem Terceira de S. Francisco, do Campo Grande, a-ba de ser devorada pelas chammas; e a mesa da veneravel Ordem confia na religiosidade do povo portuguez, faz um appello a todos os fieis, rogando-lhes que concorram com as suas esmolos, a fim de fazer surgir das ruinas o templo incediado.

**Historia Verdadeira da Inquisição, por D. Francisco G. Rodrigo.**—Recebemos o 5.<sup>o</sup> fasciculo d'esta maravilhosa obra, que põe a calva á mostra aos mações inimigos declarados da benemerita Companhia de Jesus.—preço 300 reis.

Agradecemos ao incansavel editor catholico o snr. Teixeira de Freitas, tão preciosa offerta.

**Meditações para todos os dias do anno, por M. Hamon.**—Estamos de posse do tomo 4.<sup>o</sup> d'esta riquissima obra, de que é editor o snr. Ernesto Chadron.—Preço 400 reis.

E' digno do maior elogio, e recommendol-a a todos os catholicos.

Com mais vagar fallaremos do seu merecimento.

**Fallecimento.**—Na semana passada finou-se a exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Etelvina Branco, filha do exm.<sup>o</sup> sr. Thomaz Branco, director das Obras Publicas. Era uma joven na flor da vida, adornada com os aromas exalados das açocenas candidas de uma manhã de primavera.

Sentimos a sua morte, e damos a seus paes e mais familia os nossos pezames.

Eis o telegrama.  
«Redacção da Cruz e a Espada.  
Morreu D. Jorge Locio, 11 da manhã.»  
«Redacção da Restauração.»

As lagrimas, n'este momento de dôr, correm-nos pelas faces, e, prostrados deante da Cruz do Redemptor, pedimos uma prece pela sua alma.

Legitimistas, de joelhos: orae comnosos.

## ANNUNCIOS

Vendem-se os bens da Torre Ramalhosa da freguezia de Priscos deste concelho de Braga, os quaes se compoem de cultura e grandes bravios de matto, devezas e pinhaes; para tratar-se com seu dono, José Joaquim de Almeida, rua dos Capellistas numero 20-2.<sup>o</sup> andar-, ou no escriptorio d'esta redacção.

(99)

## CHAPELLARIA

Almeida Maya

11—Praça do Barão de S. Martinho—11

BRAGA

Participa aos seus amigos e freguezes e ao respeitavel publico, que montou na sua acreditada chapellaria, officina de trabalho, onde com todo o esmero e perfeição se executa o fabrico de chapéos de todas as qualidades, e pelas ultimas modas, os quaes vende por preços muito modicos.

Tambem se encarrega de concertar e pôr á moda todo e qualquer chapéo tanto em palha como em feltro e sêda.

(102)

## NOVO MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS

Summario

Intenção geral do mez de Janeiro de 1883.—*O amor da união*..... 577  
A Sciencia e a Fé..... 591  
Bibliographia..... 596

Voz d'Alerta!—*Progresso do Socialismo na Europa*..... 599  
Os sete salmos penitenciaes de David. *Paraphrase em portuguez*—poesia de D. M. S. .... 614

Revista dos interesses do Cor. de Jesus. — Novo impeto de raiva athêa contra a egreja do Sagrado Coração em Pariz. Protesto de alguns catholicos—*O Catholicismo está por um fio*—Desgraçada situação do reino de Italia. O radicalismo e as ultimas eleições. A febre pestilencial—*Peccotum meum contra me est semper*..... 619

Carta 14.<sup>a</sup> a um velho portuguez na Asia.—1.<sup>o</sup> Ainda a questão da Cruz, de Gôa—O ex-redactor da mesma e o snr. Carvalho.—2.<sup>o</sup> Visita de Mons. Volonteri.—3.<sup>o</sup> Necrologios dos PP. D'avanzo, Virgili e Casadevall; dos srs. Ferraz e Caldeira. A refutação do positivismo, etc.—4.<sup>o</sup> Noticias das missões, etc..... 626

Deleza dos interesses do Coração de Jesus.—*Bellezas dos jornaes anti-catholicos*.—*Conimbricense, Diario de Noticias, Protesto e Bejense*..... 634

Collegio de S. Bento

BRAGA

N'este estabelecimento de educação e instrucção recebem-se alumnos internos, semi-internos e externos.

Remettem-se programmas a quem os reclamar.

O Director,  
Bento Desiderio Picoto Querido.

(100)

## Assignaturas para jornaes estrangeiros

Na livraria de J. J. de Mesquita Pimentel—51, Rua de D. Pedro, 53—Porto, recebem-se assignaturas para todos os jornaes que se publicam em Hespanha, França, Italia, Inglaterra e Allemanha, para onde tem correspondencia directa.

No mesmo estabelecimento encontram-se numeros para amostra dos principaes, catalogos, etc.

Garante-se pontualidade.

Maria da Conceição Costa, com exame de instrucção primaria e francez, lecciona estas disciplinas e habilita para os ditos exames. Tambem lecciona piano, em sua casa na rua Nova de Souza n.<sup>o</sup> 9, em casa das alumnas ou em qualquer collegio de meninas.

(101)

## Domingos Ribeiro de Castro

19—RUA DO SOUTO—19

BRAGA

Chegou um completo sortido de oculos e lunetas tanto em vidro como em crystal, com aro e sem elle para vista cansada e miúpe.

Preços baratissimos, sem competidor modicos.

(97)

## Photographia LUSO ALLEMÃ

RUA DA BOA-VISTA N.<sup>o</sup> 34

Abreu & C.<sup>a</sup>, photographos, tiram retratos com toda a nitidez e perfeição, promptificando-se a ficar com todos os retratos quando não estejam bons.

## O MEZ DE JESUS OU O MEZ DE JANEIRO

Este livrinho é consagrado a Jesus Christo, compilado de meditações, orações e exemplos, pelo dr. e desembargador da relação ecclesiastica do patriarcado, padre José de Souza Amado.—Preço 300 reis.

## MEDITAÇÕES

PARA TODOS OS DIAS DO ANNO

POR

M. HAMON

TRADUZIDAS

Da decima terceira edição Franceza

POR

FRANCISCO LUIZ DE SEABRA

Parocho de Cacia

Tomo 1.<sup>o</sup>—Desde o 1.<sup>o</sup> domingo do Advento até ao domingo da Septuagesima.

Tomo 2.<sup>o</sup>—Desde a Septuagesima até ao domingo depois do Advento.

Tomo 3.<sup>o</sup>—Desde o 3.<sup>o</sup> domingo depois da Parchoa até ao 8.<sup>o</sup> domingo depois do Pentecostes.

Tomo 4.<sup>o</sup>—Desde o 8.<sup>o</sup> domingo até ao 17.<sup>o</sup> depois do Pentecostes.

Tomo 5.<sup>o</sup>—Desde o 17.<sup>o</sup> domingo depois do Pentecostes até ao Advento.

Tomo 6.<sup>o</sup> e ultimo—Sobre os santos, cujas festas tem dias fixos.

A obra completa (6 vol. 2\$400 reis) será enviada franca de porte a quem remetter a sua importancia em vales do correio ao Editor Ernesto Chadron—Porto.

Está a sahir o 3.<sup>o</sup> vol., e a obra estará concluida em Janeiro proximo.

Depois da obra completa a preço será elevado a 3\$000 reis.

Typ. Lealdade — Rua de Jano n.<sup>o</sup> 4